

**AÇORES
TEMPORADA
DE MÚSICA 2010**

www.azorestemporada.com

Uma iniciativa da Presidência do Governo Regional dos Açores através da Direcção Regional da Cultura



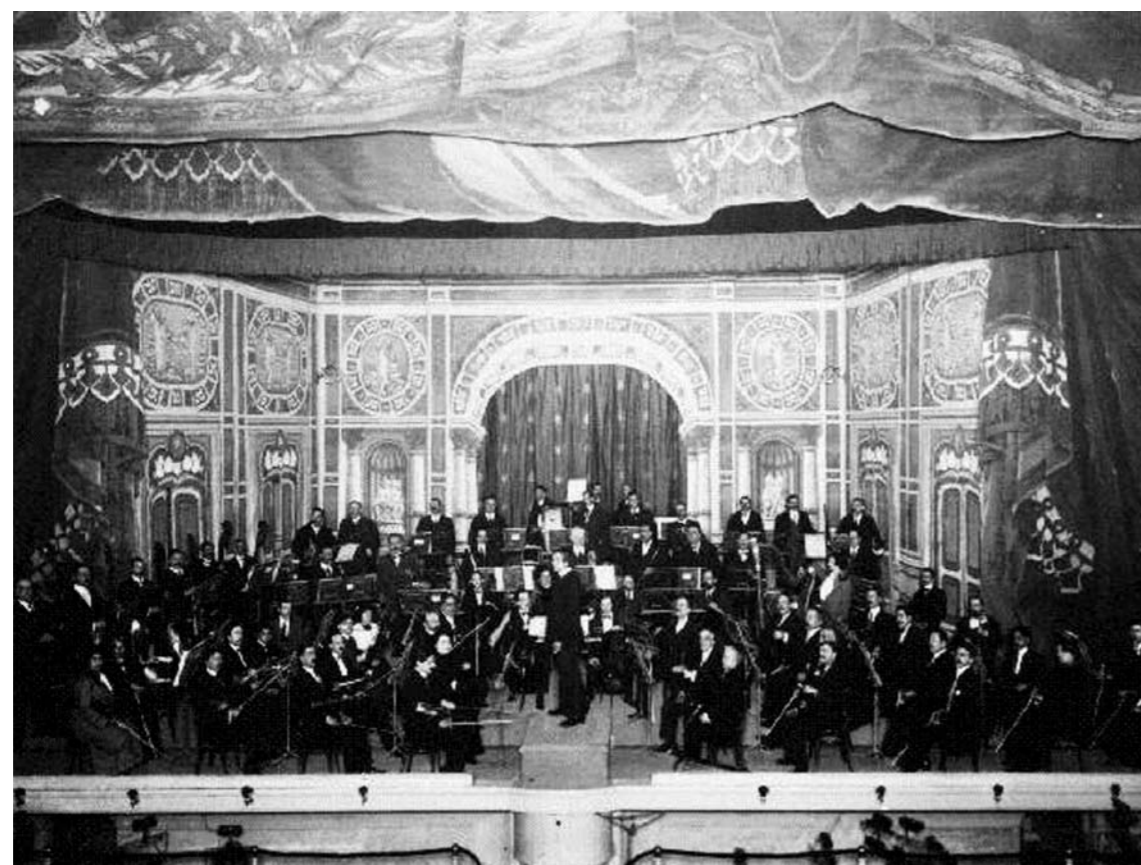
A música instrumental no período republicano

MARIA JOSÉ ARTIAGA
PROFESSORA UNIVERSITÁRIA

Com o incêndio do Teatro de S. João no Porto, em 1908, e a interrupção das temporadas de ópera no Teatro de S. Carlos no início da República, o eixo da vida musical deslocou-se para a música instrumental, nomeadamente para os concertos que ganharam, durante o período republicano, um protagonismo nunca antes conhecido.

O ano de 1910 foi marcado por dois acontecimentos na vida musical portuguesa: a criação do poema sinfónico *Os Paraísos Artificiais*, de Luís de Freitas Branco, e a estreia da Sociedade de Concertos Sinfónicos no Porto (1910) por iniciativa de Raimundo de Macedo. A esta iniciativa do músico português seguir-se-iam outras semelhantes em Lisboa, como a fundação da Orquestra Sinfónica Portuguesa (Nov./Dez. 1911), primeiro sob o impulso de Viana da Mota e, depois, sob a direcção de Pedro Blanch, a orquestra sinfónica do Teatro Politeama (1913), sob a direcção de David de Sousa (a partir de 1918 chamada Orquestra Sinfónica de Lisboa sob a batuta de Viana da Mota) e a criação, por Francisco de Lacerda, da Filarmonia de Lisboa (1923), projecto que morreu logo no início devido a problemas com os músicos. Estes acontecimentos foram marcantes na medida em que, no passado, a música instrumental tinha encontrado a maior resistência por parte do público, provocando a sua falta de continuidade.

Desde o início do século XIX que os músicos portugueses tinham tentado instituir o gosto pela música puramente instrumental na vida musical portuguesa, mas sempre com pouco sucesso. O público português preferia a ópera e, na impossibilidade desta, os concertos vocais e instrumentais onde se reproduziam os números operáticos mais populares. Pelas mesmas razões os compositores, para se afirmarem, tinham de vencer no campo da ópera. Dada a irregularidade e a efemeridade com que os concertos puramente instrumentais se produziram ao longo do século XIX, os compositores



Concerto no Teatro Politeama dirigido por David de Sousa

aventuraram-se menos nesse terreno, razão por que o poema sinfónico de Luís de Freitas Branco acima referido ganha tanto relevo, acrescendo o facto de a obra ter sido concebida numa linguagem modernista próxima dos compositores simbolistas franceses, facto excepcional no panorama musical em Portugal.

As orquestras formadas por Pedro Blanch e David de Sousa, com a orquestra da Academia de Amadores de Música (que tinha sido formada em 1884), proporcionaram não apenas uma continuidade ao nível da música orquestral como contribuíram para a renovação do repertório, em particular dos músicos russos, franceses, espanhóis e portugueses, para além de obras nunca antes ouvidas, como a 9ª sinfonia de Beethoven.

No que respeita à música de câmara surgiram outras formações, na continuidade das que se tinham começado a formar desde 1874. Contudo, e apesar da mudança de paradigma na vida musical portuguesa, mudança essa a que o público correspondeu enchendo as salas, a recepção das obras puramente instrumentais

continuou a moldar-se por parâmetros provenientes das obras vocais, nomeadamente no favoritismo dado à melodia em detrimento da harmonia. Os modelos estéticos privilegiados pelos ouvintes não favorecerão o acolhimento das obras com uma linguagem mais inovadora, como os *Paraísos Artificiais* (estreada em 1913), ou o *Vathek* (composta em 1913) de Luís de Freitas Branco. A primeira foi acusada de «abuso de dissonâncias» e «harmonias ásperas», música «inferior» na opinião de Fernando Pessoa. A segunda foi recusada pelo maestro David de Sousa, com receio da reacção do público.

Reivindicando o lugar de vanguarda que a intelectualidade portuguesa atribuía a Luís de Freitas Branco (1890-1955), Rui Coelho (1892-1986), que até 1925 mantivera uma relação ambígua com o primeiro movimento modernista português, veio a público acusar o colega de plágio. As suas primeiras obras estreadas, como a *Sinfonia Camoneana* (estreada em 1913) e *O Serão da Infância* (estreada em 1913), tinham sido rejeitadas não só pelo público e pela crítica mas também pela elite in-

tellectual. Ressentido com a má recepção da sua obra, Rui Coelho, com o apoio de António Ferro, aproximou-se a cada vez mais de um nacionalismo militante com obras como o poema sinfónico *Nuno Álvares Pereira* (1922).

Na esteira da música francesa de cariz simbolista, situou-se Francisco de Lacerda (1869-1934). Com a sua ida para Paris em 1895, o músico açoriano, que dirigira a orquestra de Nantes e a do Kursaal de Marselha, conviveu com os circuitos intelectuais franceses tornando-se amigo de C. Debussy e de H. Duparc. A sua linguagem musical evoluirá de um romantismo tardio para um modernismo marcado pela influência de Debussy, Satie e Fauré, de que se destacam a sua obra para piano *Trente-six histoires pour amuser les enfants d'un artiste* e as *Trovas* onde as tendências simbolistas se cruzam com a influência da música tradicional portuguesa.

Também António Fragoso (1897-1918) mostrou, desde cedo, a sua admiração pela obra dos compositores franceses César Franck, Debussy e Ravel. No leito que deixou, quando a morte

sobreveio aos 21 anos, foi a influência principalmente dos dois últimos compositores que evidenciou, em particular nas suas obras para piano.

Ainda na esfera da música francesa, mas inserindo-se já na corrente neo-clássica, encontra-se o músico português Cláudio Carneiro (1895-1963) em obras como *Quatro corais antigos* (1916) e no *Prélude, choral et fugue* (1918/20) para orquestra de cordas, que foi estreada no Teatro Châtelet de Paris em 1923 e que lhe trouxe o reconhecimento enquanto compositor.

Da geração que se sucedeu à de 90, e fruto da reforma de 1919 de que foi objecto o ensino da música no Conservatório Nacional, fizeram parte Frederico de Freitas (1902-1980) e Ivo Cruz (1901-1985). O primeiro, desde cedo, evidenciou uma apetência por um ecletismo musical, na confluência de elementos arcaicos e da tradição popular com elementos modernos, que iria dar origem a uma obra prolífica e multiforme com particular predominância na música para bailado. Com um olhar diferente sobre o passado se posicionou Ivo Cruz

que, com outros músicos, contribuiu para a criação de um novo movimento, o Renascimento Musical, com o objectivo de revalorizar e dar a conhecer o património musical do passado, nomeadamente a polifonia portuguesa dos séculos XVII e XVIII. Assim se afastavam das tendências anteriores do nacionalismo musical que tinham procurado na raiz popular a renovação da linguagem musical. Para o grupo de músicos pertencente ao Renascimento Musical, era no período considerado «de ouro» da música portuguesa que se devia procurar a renovação da criação musical, num movimento que em alguns países europeus, nomeadamente na Itália, já se vinham produzindo exemplos. Herdeira do movimento do Integralismo Lusitano, esta nova geração, divorciada do governo republicano, chamava a si a responsabilidade do futuro musical português assente em valores como a «raça», o «saudosismo» e o «sebastianismo» tão caros a António Sardinha, antecipando, assim, uma nova era da vida nacional que se iria consubstanciar no Estado Novo. ♦

Locais de concerto nos Açores

Teatro Faialense

Sob a designação de Teatro União Faialense, a cidade da Horta viu edificado o seu primeiro teatro em 1856. Foi a primeira sala do arquipélago a levar à cena espectáculos regulares. Reconstruído em 1916, recebeu nesse ano o nome de Teatro Payalense. É dessa época que data a fachada «Art Nouveau» que hoje se pode admirar, revestida de briques amarelo e ritmada, no piso térreo, por cinco portas encimadas por bandeiras envidraçadas, e, no piso nobre, por cinco ja-

nelas, a do centro dando acesso a uma varanda em ferro forjado. No interior, a sala, que também é de cinema, é composta por uma plateia e três ordens de balcões, e dispõe de uma lotação de 350 lugares. Tem ainda um auditório, com capacidade para 75 espectadores, e um bar na zona pública. Por iniciativa da Câmara Municipal da Horta, procedeu-se em finais dos anos 90 a importantes obras de restauro e adaptação dos espaços, trabalho de que foi incumbido o arquitecto Luís Santiago Baptista, e a reabertura do Teatro deu-se a 6 de Junho de 2003. ♦



Teatro Faialense

Compositores da Época da República



Augusto Machado

Nome: Augusto Machado
Nascimento: Lisboa, 27 de Dezembro de 1845
Morte: Lisboa, 26 de Março de 1924

Obras principais: ode sinfónica «Camões e os Lusíadas», as óperas *Laureana*, *I Doria*, *Mario Wetter* e *La Borguesina*, as operetas *Maria da Fonte*, *O Espadachim do Outeiro*, *Rosas de todo o Ano* e *A Triste Viuvinha*, e várias peças para piano, para órgão e para canto e piano.

Fez os seus primeiros estudos musicais sob a orientação de Joaquim Casimiro e Guilherme Daddi, que o iniciou nos segredos do piano. Ainda jovem foi viver para Paris, onde recebeu conselhos de Albert Lavignac. Após regressar a Lisboa, matriculou-se no Conservatório Real, na classe de composição de Monteiro de Almeida. Em 1869, fez subir à cena do Teatro de São Carlos o seu bailado *Zeffiretto*

e, no ano seguinte, no Teatro da Trindade, estreou a sua opereta *O Sol de Navarra*.

O pouco êxito alcançado, levou-o de novo a Paris, ali se vendo fixado por uns tempos. Retomou então as aulas de Lavignac e privou com Massenet e Saint-Saëns, duas personalidades que viriam a influir sensivelmente na sua posterior evolução, sobretudo a partir da estreia de *Laureana*, ocorrida a 9

de Janeiro de 1883 no Grande Teatro de Marselha. Com essa ópera, Augusto Machado além de se ter afirmado definitivamente como um compositor dramático, assinalou uma data marcante na história da música lírica em Portugal, pois introduziu a novidade do modelo francês em substituição do modelo italiano que prevalecia desde a primeira metade do século XVIII. ♦

Rafael Aguirre regressa aos Açores

● A 17 de Junho, na Igreja Matriz da Madalena do Pico, e a 19 de Junho na Biblioteca Municipal da Graciosa, pelas 21h30, a Temporada de Música 2010 apresenta dois recitais com o reputadíssimo guitarrista Rafael Aguirre. A Entrada é livre

Rafael Aguirre, guitarrista espanhol, é considerado pela crítica como um dos mais promissores jovens guitarristas ao nível internacional. Em 2007 ganhou cinco medalhas de ouro nos mais importantes concursos internacionais de guitarra, acontecimento invulgar que o lançou

internacionalmente. Muito recentemente ganhou o 1.º prémio do Concurso Internacional de Guitarra de Koblenz (Alemanha), que lhe dará a oportunidade de se estrear no Carnegie Hall (em Nova Iorque), uma das principais salas de concerto do Mundo.

Convidado em 2008 pelo Festival de Música Contemporânea «II Música Açores», com direcção artística de Emanuel Frazão, Rafael Aguirre apresentou-se em São Miguel, em Santa Maria e no Faial, tendo deixado na memória do público três grandes recitais.

O programa do recital é dedicado na sua maioria à música espanhola onde serão interpretadas obras de J. Turina, F. Tárrega, J. Rodrigo, M. Giuliani, A. Lauro e A. García-Abril. ♦



Rafael Aguirre

A NÃO PERDER...

O programa de rádio «A Europa da Música». Todas as Segundas-feiras às 18h15, na Antena 1 - Açores.

SABIA QUE...



L. van Beethoven
(1770-1827)

As causas da morte de Beethoven têm sido objecto de estudo em vários institutos norte-americanos. Inicialmente pensava-se que Beethoven teria morrido de sífilis, teoria que já foi excluída no McCrone Research Institut, em Chicago. A hipótese de envenenamento por ingestão de chumbo foi recentemente desmentida pelo Mount Sinai School of Medicine, em Nova Iorque. Os resultados ainda não foram conclusivos e a mecha de cabelo do compositor, preservada até aos dias de hoje, continua a ser investigada. ♦



A. Vivaldi
(1678-1741)

Vivaldi tinha uma grande facilidade em compor, e afirmava que era capaz de escrever um concerto mais depressa do que um copista a copiar. Era susceptível à crítica, como fica provado numa dedicatória em duas das suas obras, onde se pode ler: «Este meu suor será certamente escarnecido pela crítica». ♦